



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA - FEFF
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DIANA BAIMA LOPES

**COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS: PRÁXIS PEDAGÓGICA DA
EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA RIBEIRINHA NO AMAZONAS**

MANAUS – AM

2022

DIANA BAIMA LOPES

**COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS: PRÁXIS PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UMA ESCOLA RIBEIRINHA NO AMAZONAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Ma. Samara Feitosa Gomes Silva

Manaus – AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L864m	<p>Lopes, Diana Baima</p> <p>Com o movimento das águas: práxis pedagógica da educação física em uma escola ribeirinha no amazonas / Diana Baima Lopes . 2022</p> <p>58 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientadora: Samara Feitosa Gomes Silva</p> <p>TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Educação Física) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Educação física escolar. 2. Educação ribeirinha. 3. Adaptações. 4. Currículo escolar. 5. Educação do campo. I. Silva, Samara Feitosa Gomes. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

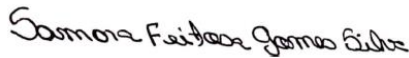
DIANA BAIMA LOPES

**COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS: PRÁXIS PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UMA ESCOLA RIBEIRINHA NO AMAZONAS**

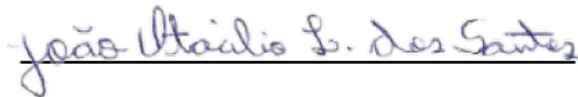
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da
Universidade Federal do Amazonas como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura Plena em Educação Física.

Manaus, 23 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ma Samara Feitosa Gomes Silva (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas



Prof. Dr. João Otacílio Libardoni dos Santos (1º Membro)
Universidade Federal do Amazonas



Prof.^a Dra. Inês Amanda Streit (2º Membro)
Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

*Gratidão a **Deus**, acima de tudo, por me permitir chegar até aqui, por me sustentar.*

A Ele toda honra e glória sempre e para sempre.

*Gratidão a minha Mãe, **Ana Ester**, por me ensinar todos os dias que:*

tudo o que eu quero, eu posso e que o amor salva. Eu te amo, Mãe!

*Gratidão a minha **família**, feita de mulheres guerreiras, **Tia Dalva, Tia Cláudia, Tia***

Mary, Paulinha, Heloína,

que nunca mediram esforços para me ver bem.

*Gratidão aos meus amigos **Branca, Cleice Maria, Íris, Janaina, Lucas, Michael,***

***Thiaguinho**, que riram com meu riso e lutaram ao meu lado*

nas batalhas da minha vida, vocês são incríveis!

*Gratidão a minha querida orientadora, linda e maravilhosa, **Samara Feitosa**, por*

acreditar na minha ideia, abdicar de sono e tempo com a família para que esse trabalho fosse concretizado.

Sem você não seria possível.

*Gratidão aos colegas do **Chico Mendes**, na pessoa da **Prof.^a Eliesia**, que me*

ensinou que a educação se faz com compromisso e sensibilidade.

*Gratidão aos amigos e anjos do **Instituto Você**, pela oportunidade de renascimento.*

E gratidão a todas as dificuldades que enfrentei nesses 29 anos de vida, pois me construíram forte e grata pela vida.

“Eu nunca perco, ou eu ganho ou eu aprendo”

Nelson Mandela.

EPÍGRAFE

*Para nos sentirmos bem, é preciso
atualizarmos a mente, os pensamentos,
os valores e a forma de encararmos os desafios.
é mais fácil revoltarmos contra os outros,
do que olharmos para dentro!*

*Paramos? Retrocedemos? Deixamos de lutar.
Inseguranças cristalizadas, sonhos abandonados,
princípios corrompidos, resultados frustrados.*

*É hora de trocarmos as roupas,
arrancarmos as máscaras e o mais difícil:
encarmos nós mesmos no espelho da nossa vida.
Olho por olho! Sonho por sonho! VOCÊ por VOCÊ!*

*Antes de se entregar à derrota, levante a cabeça,
se dê a oportunidade, vá à luta e coragem
para enfrentar o desconhecido, com o pensamento:
EU QUERO, PORTANTO EU FAÇO! E VOCÊ?*

O Espelho

Bento Augusto

RESUMO

Os ribeirinhos, “pessoas do campo amazônica” vivem em comunidades distantes das sedes dos seus municípios, por vezes afastados pelo cursar das águas que se movimentam distintamente no tempo e espaço. Nessa conjuntura, a Educação do Campo se articula entre estratégias pedagógicas e a dialética da natureza – que ocorre pelo processo de subida (enchente) e descida (vazante) das águas, movimento constante em que o professor, os alunos e toda comunidade ribeirinha constrói e reconstrói as relações sociais. A Educação Física Escolar é o componente curricular que trata das práticas corporais nas suas diversas manifestações e diferentes finalidades e assim refletimos a importância da Educação Física Escolar para a Educação Integral. É necessário pois descrever a realidade singular, deste território quanto as práticas nas aulas de educação física da escola do campo ribeirinha. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa descrever as adaptações do currículo da Educação Física escolar mediante a realidade ribeirinha. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo qualitativo, sendo um estudo de caso, será realizado no município de Manaus na escola da comunidade Ebenézer, Tarumãzinho, zona ribeirinha - Rio Negro, no estado do Amazonas, região norte, Brasil. O cenário e a participante, sendo a professora de Educação Física da referida escola, foram selecionados intencionalmente para cumprir os objetivos propostos no estudo. Foi utilizada a técnica de entrevista individual, com a elaboração de um formulário com questões abertas e fechadas. Foi realizada Análise de conteúdo da qual após leitura e análise da entrevista, os resultados foram agrupados em duas categorias. Após os resultados, conclui-se que: o sujeito ribeirinho produz cultura com características que diferem a partir de cada comunidade; a necessidade de discussão sobre as peculiaridades da zona ribeirinha e rodoviária de Manaus e inclusão destas nas diretrizes educacionais e nos planejamentos da escola; a existência de dificuldade de diagnóstico de alunos com suspeita de deficiência e transtornos globais de aprendizagem; a seca é o período do rio que mais interfere na programação anual de aulas, em detrimento do acesso de lanchas. E a relevância das Instituições de Ensino Superior que, destacadamente, fomentam a pesquisa e desenvolvimento nas suas mais variadas dimensões acerca da Educação do Campo no Amazonas.

Palavras-Chave: Educação física escolar; Educação ribeirinha; Adaptações; Currículo escolar; Educação do campo.

ABSTRACT

The riverside people, “people from the Amazonian countryside” live in communities far from the headquarters of their municipalities, sometimes separated by the course of water that moves differently in time and space. At this juncture, Rural Education articulates between pedagogical strategies and the dialectic of the community - which occurs through the process of rising (flood) and falling of the waters, a constant movement in which the teacher, students and the entire riverside community builds and rebuilds as relationships social. School Physical Education is the curricular component that deals with the most striking practices in their various manifestations and different purposes and thus we reflect the importance of School Physical Education for Integral Education. It is necessary to describe a unique reality of this territory as practices in physical education classes at the riverside countryside school. Therefore, the objective of this research, through the curriculum of Physical Education. This is a descriptive, qualitative study, being a case study, it will be carried out in the municipality of Manaus in the northern school of the Ebenezer community, Tarumãzinho, riverside - Rio Negro, in the state of Amazonas, region, Brazil. The scenario and a participant, being a Physical Education teacher at the school, were intentionally selected to fulfill the proposed objectives in. An individual interview technique was used, with the elaboration of a form with open and closed questions. Content analysis was performed, after reading and analyzing the interview, the results were grouped into two categories. After the results, it is concluded that: the riverine subject produces culture with characteristics that differ from each community; the need for discussion about the peculiarities of the riverside and road zone of Manaus and the inclusion of these educational guidelines and school plans; the existence of difficulties in diagnosing students with global learning diagnoses and diagnoses; drought is the period in the river that interferes most in the annual schedule of classes, to the detriment of access by boats. And the development of Higher Education of Institutions that researches, in depth, and its most varied dimensions of Rural Education in Amazonas.

.

Key words: School physical education; Riverside education; Adaptations; School curriculum; Education of the field.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	OBJETIVOS	13
2.1.	Objetivo Geral	13
2.2.	Objetivos Específicos	13
3.	JUSTIFICATIVA	13
4.	REFERENCIAL TEÓRICO	16
4.1	A Escola Ribeirinha – os percursos das águas	16
4.2	O ribeirão	18
4.3	A Educação Ribeirinha em Manaus – (des) encontro com o currículo?	18
5.	METODOLOGIA PROPOSTA	21
5.1	Local de realização da pesquisa	22
5.2	Participantes da Pesquisa	22
5.3	Procedimentos e instrumentos para coleta de dados	22
5.4	Aspectos Éticos	23
6.	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	23
7.	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	23
8.	ANÁLISE DOS DADOS	23
9.	RESULTADO E DISCUSSÃO	24
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
11.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
12.	APÊNDICE A	39
13.	APÊNDICE B	42
14.	ANEXOS	46

1. INTRODUÇÃO

*“A **práxis pedagógica**, entendida aqui como um processo de transformação do profissional através do complexo e interdependente diálogo entre teoria, prática e reflexão, torna-se base para o entendimento da construção do **professor** reflexivo, aquele que integra a teoria e a prática em um processo permanente ...”*

(BEZERRA et al., 2019)

A floresta amazônica é heterogênea em seus aspectos, sua diversidade de espécies e de uma rica flora, várzeas e rios que assentam em si uma respeitável construção histórica. A Educação do Campo no Amazonas não poderia ser diferentemente rica de elementos que a compõe (FREITAS, 2009). A partir dos movimentos sociais para a inclusão da pessoa do campo como ser de direito à construção referenciada do conhecimento, a escola quanto instituição passou a ser o principal núcleo para as lutas políticas e sociais pela terra e pelo desenvolvimento pleno da pessoa do campo. (CALDART, 2012)

O Rio Negro, uma das bacias do Rio Amazonas, apresenta diferentes fases de nível da água, especialmente a cheia e a seca, respectivamente, no alto dos meses maio a abril e novembro a dezembro (OLIVEIRA, 2013). O afluente agrega diversas comunidades ribeirinhas nas suas margens e que são atendidas por escolas locais que precisam ajustar o seu calendário letivo à dialética dos rios, através do quais os ribeirinhos se deslocam e reconstrói as suas relações sociais, seu modo de viver e produzir.

A Escola do Campo nasce, conceitualmente, a partir do processo de formação do homem inserido na sociedade campesina e que emerge através das lutas de movimentos sociais por direitos fundiários e de educação não vinculada àquela projetada para a classe trabalhadora visando a manutenção do sistema capitalista e a hegemonia (CALDART, 2012).

Silva et al. (2021) reconhece ao menos três dimensões da Educação do Campo, a saber: a dimensão política, a dimensão produtiva e a dimensão pedagógica. Embora se apresentem indissociáveis para compreensão do todo, prioriza-se a dimensão pedagógica como perspectiva norteadora no processo de construção desta pesquisa.

O Trabalho então como princípio pedagógico juntamente com a Ciência e a Cultura tecem a base unitária desse projeto educacional e orientam o ensino para promover a compreensão do processo histórico de produção da ciência e da tecnologia como conhecimentos disponíveis e apropriados para que os sujeitos do campo possam transformar suas condições

naturais de vida, ampliando suas capacidades, potencialidades e sentidos humanos. (MANACORDA, 2006)

O sujeito do campo produz cultura com características que diferem a partir de cada região e se explicam através dos diferentes trajetos evolutivos resultantes das estratégias de adaptação, principalmente, aos recursos naturais da terra, as necessidades de consumo e reprodução da família. Esse indivíduo se compõe também na diversidade dos povos que nela habitam como indígenas, quilombolas, europeus, caboclo - os povos originários da floresta.

Silva (2021) aponta que a ampliação da Educação do Campo no Amazonas se dá muito mais pela intervenção das instituições pertencentes às esferas federais, estaduais e municipais que pelo Movimento Sem Terra (MST) – que muito contribuiu para Educação do Campo no Brasil. A Secretaria Municipal de Educação – SEMED/Manaus destacou-se como pioneira a adequar o planejamento pedagógico a partir das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002). Tais diretrizes representam um grande marco das lutas pela Educação do Campo.

A Educação do Campo em Manaus é fomentada em escolas da rede SEMED e SEDUC. As escolas da rede municipal de educação em Manaus são divididas em sete divisões distritais relacionadas com as zonas geográficas da cidade, entre escolas de Educação Infantil e Ensino fundamental. A Divisão Distrital Rural é a divisão que gerencia a educação nas escolas em limítrofes não-urbanos da cidade.

O atual currículo escolar municipal foi lançado em 2021 e se apresenta com a proposta de preparar o alunado para o mundo como ele é hoje, de modo que o processo educacional aconteça considerando tanto os fatores intervenientes da sociedade hoje, quanto aos elementos culturais locais, de modo que sejam inseridos nesse currículo. (MANAUS, 2021).

Os elementos históricos e culturais próprios do ribeirão amazônico se fazem acontecer, se expressam e se concretizam nos conteúdos curriculares quando incluso como temáticas, fatos e conhecimentos populares. São elementos: plantas medicinais, artesanato, produção da farinha que é bastante típica da culinária amazonenses e nortista, criação de animais, aproveitamento e beneficiamento de frutas variadas, ou seja, na agricultura em geral. Percebe-se também na construção civil, marcenaria, construção de canoas e móveis e no plantio da terra, piscicultura e no âmbito social como a preservação do meio ambiente, trabalho comunitário entre outros aspectos. (MANAUS, 2021)

No entanto, observa-se que ainda não se alcançou um currículo que aborde, explicitamente em seus conteúdos curriculares, as especificidades da educação ribeirinha

amazônica e que a Semed preconiza uma diretriz única, a partir da qual, estratégias pedagógicas são direcionadas considerando as especificidades de cada comunidade escolar a fim de cumprir o currículo proposto. Questiona-se então através de quais maneiras ocorre a conexão entre os conteúdos do currículo municipal e os planejamentos direcionados para a realidade da escola na execução das aulas de Educação Física.

A Educação Física Escolar é o componente curricular que trata das práticas corporais nas suas diversas manifestações e diferentes finalidades, como oportunidade de reflexão sobre as formas de representação do mundo, através dos gestos e da expressividade, seus significados para o indivíduo e para as relações sociais não somente hoje, mas no decorrer da história do mundo (BRASIL, 2017). De acordo com a BNCC (2017), nesse entendimento, “o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo”.

A importância da Educação Física Escolar pode ser concebida na Educação Integral (Mauricio, 2009, p. 53 - 68) que reconhece a pessoa como um todo, união entre mente e intelecto inseparáveis no funcionamento efetivo do ser humano e que concerne na construção mais completa e mais humana do aluno. Essa relação integralista apresenta-se presente, por exemplo, na abordagem do campo de experiências, das competências de Corpo, Gestos e Movimentos relacionadas a Educação Infantil (BRASIL, 2017, p. 40), oportuniza o desenvolvimento de habilidades corporais como coordenação motora grossa e fina, manipulação, deslocamento, entre outras, bem como aumenta o interesse na participação dos processos de aprendizagem, dos relacionamentos sociais através do fortalecimento da autoimagem, das competições esportivas conformes as práticas e experimentações de jogos coletivos e individuais e nas diversas formas de codificação e significação social.

No contexto ribeirinho amazônico, discorre-se que o movimento humano como cultura corporal se apresenta na caça, na pesca, no plantio, nas brincadeiras populares, no nadar dos rios entre outras atividades diárias. A Educação Física sistematiza esses elementos dentro de seus conteúdos programáticos que envolvem a cultura corporal (jogos, lutas, danças, esportes, ginástica, mímicas, dentre outros) e o conhecimento das relações e expressões dos ribeirinhos é essencial para o melhor desenvolvimento da intervenção pedagógica nas aulas de educação física (TAFFAREL, 2005, apud SANTA BRIGIDA, 2021, p. 47).

Acerca da política de inclusão, Cabo Verde (2019) aponta uma escassez de pesquisas sobre atitudes de professores de EF em relação aos alunos com deficiência no contexto

amazônico: “podemos insuflar que exista à falta de identificação de possíveis problemáticas e falta de sugestões para intervenções na região”.

A EF como componente curricular que tem conteúdos mais expressivos, que abarca a cultura corporal, o desenvolvimento motor e aspectos psicológicos, emocionais através da dança, jogos, lutas e ginástica e que portanto é uma disciplina bem quista pelos alunos, pode ter um papel de destaque no processo inclusivo de alunos com deficiência, com transtorno globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação , apesar de um histórico que configurou papéis à EF que propagavam a exclusão e segregação de indivíduos. (CABO VERDE, 2019).

Os sujeitos que vivem inseridos nesse espaço rural amazônico, os ribeirinhos, vivem em comunidades distantes das sedes dos seus municípios, por vezes afastados pelo cursar das águas que se movimentam distintamente no tempo e espaço. Nessa conjuntura, A Educação do Campo se articula entre estratégias pedagógicas e a dialética da natureza – que ocorre pelo processo de subida (enchente) e descida (vazante) das águas, movimento constante em que o trabalhador, o professor, os alunos e toda comunidade ribeirinha constrói e reconstrói as relações sociais (MOURÃO, UCHÔA & VASCONCELOS, 2020).

No Amazonas, conforme Gomes (2022), o espaço rural é também território do trabalhador camponês, com diversas formas de campesinato e de organização capitalista, possui diversidade étnica. É um espaço marcado pelos mitos e por uma biodiversidade exuberante e rica que desperta o interesse de muitos, principalmente daqueles que extraem recursos naturais minerais, animais e vegetais. Compreende esse nosso espaço rural, a Floresta Amazônica, os extensos e volumosos rios da região, uma vasta área de terra firme, várzea e igapó e, também, rodovias e ramais.

Dessa forma para um melhor direcionamento da pesquisa, levantamos alguns questionamentos que nos ajudaram a trilhar um percurso. Como atua o professor de Educação Física mediante ao fenômeno das subidas e descidas dos rios? Como tal fenômeno pode comprometer os conteúdos do componente educação física? Diante do currículo municipal de Manaus que é imposto e norteado pela BNCC, como as práticas socioculturais das comunidades tradicionais ribeirinhas são integradas aos conteúdos de educação física? Quais estruturas e recursos são utilizados durante a enchente e vazante dos rios? Como são compostas as classes escolares atendidas por esse professor? Como ocorre a inclusão de aluno (a) com deficiência nas aulas de educação física mediante a realidade ribeirinha?

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Descrever as adaptações do currículo da Educação Física escolar mediante a realidade ribeirinha.

2.2. Objetivos Específicos

- Compreender como o professor de Educação Física atua na escola ribeirinha municipal Ebenézer;
- Relatar o quantitativo de alunos (as) com deficiência;
- Descrever como ocorre a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física mediante os cenários amazônicos dos povos ribeirinhos;
- Descrever os espaços e recursos utilizados para as aulas de Educação Física na Enchente e Vazante;
- Relatar como as práticas socioculturais das comunidades tradicionais ribeirinhas são integradas aos conteúdos programáticos do componente curricular educação física.

3. JUSTIFICATIVA

Todos temos diferentes vertentes, que se alternam no tempo e espaço.

Em 2012 assumo a profissão na área da Educação, ingresso por meio de concurso público na Secretaria Municipal de Educação (Semed), onde sou técnica administrativa. A partir de 2013 tive a oportunidade de desenvolver minhas atividades administrativas, durante sete anos, na zona rural de Manaus, creio ser importante mencionar minha visão do objeto desta pesquisa, pois vivenciei e ainda vivo as escolas rodoviárias – escolas pertencentes a zona rural cujo acesso ocorre através das pistas e ramais e lá pude refletir sobre as práticas pedagógicas dos colegas que são professores, de modo a considerar especificidades da Educação do Campo: a dificuldade de acesso, a precariedade dos prédios escolares e da infraestrutura circundante que não impedem o zelo na limpeza e conservação, na produção da merenda escolar, na organização dos eventos e, de modo particular, na prática pedagógica dentro de sala de aula. E por falar em sala de aula, a caracterização desse espaço quando relacionado ao componente da Educação Física, nos remete a pensar em nossa maior sala de aula, uma das salas, que é a quadra poliesportiva, que em muitas escolas urbanas já não há, pensem então em escolas da zona rural?

Em uma das vezes, recebi o convite para visitar uma escola, no ramal do Pau Rosa, BR 174. O micro-ônibus escolar atolou no caminho, o início da aula e do expediente atrasou, não havia o que ser feito. Quando lá cheguei, fiquei a observar a aula de Educação Física, esta ministrada no único espaço disponível, um areal à margem da mata, com os alunos descalços, a maioria por não terem sapatos adequados para a prática. Na oportunidade, treinavam para as Municipiadas (Campeonato esportivo entre escolas públicas municipais), a modalidade era o futsal. Paralelamente, eu conversava com o professor que me dizia estar com dificuldades de inscrever os alunos nos jogos, por eles não terem o documento de identidade, me explicava que estava organizando uma ação social juntos aos pais com essa finalidade. Sem falar, que encontramos escorpiões próximo da área que os alunos estavam, a aula foi encerrada e diante disso, percebi a diversidade de fatores que influenciavam e/ou dificultavam a prática pedagógica do professor de Educação Física no Campo.

E assim, a imagem de Políticas Públicas gradativamente se focava na luz projetada dos questionamentos que surgiam em minha mente: Quem seriam os culpados dos problemas enfrentados pelos alunos na Zona Rural? Corrigir apenas uma das variáveis, como a pavimentação dos ramais poderia extinguir os problemas da Educação do Campo? Se não, o que mais poderia amenizar as dificuldades? Porquanto assim como define Pedro; Puig (1998) (Apud VIEIRA, 2007): “políticas públicas que se dirigem a resolver questões educacionais são definidas como políticas educacionais” e “a política educacional não é senão um caso particular das políticas sociais”.

A mente humana comumente procura algozes para desafios incompreendidos: poderiam apenas algumas pessoas vestir a capa da justiça e transformar uma realidade teoricamente caótica (?).

O Ambiente Rural é para além de um local de produção agrícola e pecuária, com ausências, é um espaço de indivíduos que ali se reconhecem e constroem sua história e cultura. Pereira (2018) afirma que é necessário compreender que nesse ambiente há o assentamento de relações entre sujeitos “... Onde a população que habita tais áreas tem necessidades coletivas e particulares, diversas e que buscam construir sua identidade sem deixar de transitar pelos muitos espaços sociais da sociedade.” Não basta querer urbanizar o campo, é necessário ressignificar o olhar que taxa tudo como problema para conceber a grandeza da peculiaridade que é ser do campo.

Em 2017, fui designada para representar a uma escola no evento de lançamento da Base Nacional Curricular Comum – BNCC e desconhecia a pauta. Na oportunidade, fui

homenageada pelo trabalho realizado e convidada pela assessoria de comunicação a falar brevemente sobre o processo educacional na zona rural. Usei a palavra especificidade para caracterizar o meio rural, no entanto, ao término da entrevista, mais inquietações surgiram e pairavam em mim. Havia mais a ser dito e explanado, algo que eu sentia, mas desconhecia, ou ainda não sentiam como hoje eu sinto e a oportunidade de fala passou.

Minha vivência abrangia apenas a área rodoviária, ainda havia a área ribeirinha - escolas pertencentes a zona rural cujo acesso ocorre exclusivamente através de barcos e lanchas, nos rios Negro e Amazonas, pelos seus afluentes e braços, em uma dialética com as fases de subida e descida das águas. Constata-se que a Zona Rural em si é heterogenia. Portanto a Educação do Campo é um movimento abrangente que busca discutir ações efetivas para valorizar e proteger a pluralidade. Corroborar para essa fala Rangel & Carmo (2011, p. 212), quando diz que a expressão Educação do Campo “possa ter um sentido mais abrangente e inclusivo (também ressignificado em relação à [outrora] educação rural, contribuindo à maior visibilidade de grupos, como quilombolas e indígenas, e à sua maior consideração social e política” (grifo meu), ou seja, as características de cada comunidade ribeirinha”. Posto isto, quais seriam as implicações da zona ribeirinha nas práxis pedagógica da Educação, especialmente na Educação Física?

Na vertente acadêmica de licenciatura plena em Educação Física, no decorrer da graduação, compreendi a importância da BNCC - que é um documento de caráter normativo (BRASIL, 2017) que reúne orientações e estabelece conteúdos orgânicos que incutem aprendizagens essenciais, que deverão ser considerados em todos os níveis da educação básica no Brasil.

É a referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação. (BRASIL, pg. 8, 2017).

A construção do currículo municipal à luz da BNCC, da Constituição Federal (CF/1988), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), do Plano Nacional de Educação (PNE/2014), da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) e do Referencial Curricular Amazonense (RCA) resultou em um documento que promete valorizar e respeitar “o multiculturalismo e a diversidade existente em nosso município.” (MANAUS,

2021). Vale ressaltar que o documento foi construído durante o período pandêmico, inclusive de forma remota, através do trabalho coletivo de profissionais da Semed. Diante disso, de que maneira esse currículo municipal aborda as peculiaridades da área ribeirinha?

Ao final da graduação e das obrigações acadêmicas, o Trabalho de Conclusão de Curso me oportunizou o desenvolvimento da pesquisa articulada e a experiência de iniciação a pesquisa científica. Diante disto, a oportunidade de fala sobre a Educação do Campo no contexto ribeirinho em mim acontece novamente, contudo, agora, reconheço-me em uma função privilegiada: a de pesquisadora. Munida de “poderes”: o de oportunizar o espaço de fala aos experientes protagonistas, os professores da Educação “Ribeirinha”, através da pesquisa de campo (mesmo com um período letivo atipicamente reduzido, pós- pandemia) e da entrevista com a outra em mim, assim espero estar compondo com meus pares, Professores de Educação Física.

Sendo então, nessa perspectiva, a questão de pesquisa é descrever: “Como o professor de Educação Física que atua na escola ribeirinha da comunidade Ebenézer, localizada no Rio Negro, Tarumãzinho, Zona Rural de Manaus, organiza e (re) constrói suas atividades pedagógicas tendo em vista o fenômeno da enchente e vazante dos rios”.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A Escola Ribeirinha – os percursos das águas

A escola do campo nasce, conceitualmente, a partir do processo de formação do homem inserido na sociedade campesina e que emerge através das lutas de movimentos sociais por direitos fundiários e de educação não vinculada àquela projetada para a classe trabalhadora visando a manutenção do sistema capitalista e a hegemonia (CALDART, 2012, pg. 326).

Silva et al. (2021, pg. 19) reconhece ao menos três dimensões da Educação do Campo, a saber: a dimensão política, a dimensão produtiva e a dimensão pedagógica. Embora se apresentem indissociáveis para compreensão do todo, prioriza-se a dimensão pedagógica como perspectiva norteadora no processo de construção desta pesquisa.

O projeto de Educação da Escola do Campo tem raízes na perspectiva da Escola Unitária – que tem como base a integração entre Trabalho, Ciências e Cultura. Neste sentido, o trabalho se traduz como a capacidade do homem de produzir ativamente (MANACORDA, 2006, pg. 305.) não se distinguindo entre trabalho manual e trabalho intelectual, divisão esta proveniente da divisão da sociedade em classes. O Trabalho então como princípio pedagógico

juntamente com a Ciência e a Cultura tecem a base unitária desse projeto educacional e orientam o ensino para promover a compreensão do processo histórico de produção da ciência e da tecnologia como conhecimentos disponíveis e apropriados para que os sujeitos do campo possam transformar suas condições naturais de vida, ampliando suas capacidades, potencialidades e sentidos humanos.

Outra concepção do trabalho na Educação do Campo se apresenta inserido na Pedagogia da Alternância – proposta pedagógica que:

Consiste na articulação entre Tempo-Escola (TE) e Tempo-Comunidade (TC). No TE, os educandos permanecem de duas semanas a dois meses, dependendo do curso, no espaço da escola em regime de internato. No TC, os educandos retornam às suas propriedades familiares ou às comunidades ou aos assentamentos para colocarem em prática, a partir dos problemas anteriormente levantados no TC, os conhecimentos que foram objeto de estudo no TE. (RIBEIRO, 2008, pg. 29-30)

Na construção dessa proposta de alternância, Ribeiro (2008, pg. 27) aponta contradições nas intenções daqueles que assentam essa relação trabalho-educação: se têm por base a autogestão e cooperação ou intuito em reforçar a permanência do trabalhador rural sob o sistema de capital do agronegócio.

Esses sujeitos têm suas próprias necessidades e por isso são produtores de sua própria cultura. Na integralidade da Escola do Campo, que abarca a busca por direitos, evidencia-se também o aspecto político da formação, de modo a contribuir para o intelecto coletivo:

Isto significa que a escolarização em todos os níveis deve promover o conhecimento sobre o funcionamento da sociedade, sobre os mecanismos de dominação e subordinação que a caracterizam, e sobre o modo de integração da produção agrícola neste projeto de sociedade, a partir do complexo sistema de relações e de mediações que constitui o processo de desenvolvimento rural. (CALDART, 2012, pg. 328).

O sujeito do campo produz cultura com características que diferem a partir de cada região e se explicam através dos diferentes trajetos evolutivos resultantes das estratégias de adaptação, principalmente, aos recursos naturais da terra, as necessidades de consumo e reprodução da família. Esse indivíduo se compõe também na diversidade dos povos que nela habitam como indígenas, quilombolas, europeus, caboclo - os povos originários da floresta.

4.2 O ribeirinho

QUEM É O RIBEIRINHO?

No Amazonas, conforme Gomes (2022, pg. 35), o espaço rural é também território do trabalhador camponês, com diversas formas de campesinato e de organização capitalista, possui diversidade étnica. É um espaço marcado pelos mitos e por uma biodiversidade exuberante e rica que desperta o interesse de muitos, principalmente daqueles que extraem recursos naturais minerais, animais e vegetais. Compreende esse nosso espaço rural, a Floresta Amazônica, os extensos e volumosos rios da região, uma vasta área de terra firme, várzea e igapó e, também, rodovias e ramais.

As populações contemporâneas da Amazônia são compostas de grupos sociais urbanos e rurais heterogêneos do ponto de vista da situação econômica; de sociedades e comunidades indígenas de distintos e diversos modos de adaptação e articulação histórico-cultural; de grupos isolados remanescentes de fricção interétnicos e de arranjos próprios de sobrevivência com a sociedade nacional; e, ainda, de grupos e contingentes populacionais deslocados para a região por mecanismos governamentais e confessionais e por migrações internas e externas, independentes ou promovidas por fluxos de exploração econômica ou reajustes institucionais na Amazônia. (FREITAS, 2009, pg. 23-24)

Os sujeitos que vivem inseridos nesse espaço rural amazônico, os ribeirinhos, vivem em comunidades distantes das sedes dos seus municípios, por vezes afastados pelo cursar das águas que se movimentam distintamente no tempo e espaço. Nessa conjuntura, A Educação do Campo se articula entre estratégias pedagógicas e a dialética da natureza – que ocorre pelo processo de subida (enchente) e descida (vazante) das águas, movimento constante em que o trabalhador, o professor, os alunos e toda comunidade ribeirinha constrói e reconstrói as relações sociais (Mourão, Uchôa & Vasconcelos, 2020, p. 438).

4.3 A Educação Ribeirinha em Manaus – (des) encontro com o currículo?

4.3.1 Educação Física para e com os Ribeirinhos

Silva (pg. 20, 2020) aponta que a ampliação da Educação do Campo no Amazonas se dá muito mais pela intervenção das instituições pertencentes às esferas federais, estaduais e municipais que pelo Movimento Sem Terra (MST) – que muito contribuiu para Educação do Campo no Brasil. A Secretaria Municipal de Educação – SEMED/Manaus destacou-se como pioneira a adequar o planejamento pedagógico a partir das Diretrizes Operacionais para a

Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002). Tais diretrizes representam um grande marco das lutas pela Educação do Campo.

No contexto amazônico, há programas como o Projovem Campo – Saberes da Terra e o Programa Escola da Terra que utilizam a pedagogia da Alternância (GOMES, 2022, pg. 29). Há também a ocorrência das Classes Multisseriadas - turmas formadas por alunos de diferentes idades e graus de conhecimento de uma mesma etapa de ensino, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Esse sistema de ensino se garante na LDB 9394/1996 e se apoia no decreto Decreto 7.352 (BRASIL, 2010) que dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, especialmente no artigo 7º:

Art. 7º - No desenvolvimento e manutenção da política de educação do campo em seus sistemas de ensino, sempre que o cumprimento do direito à educação escolar assim exigir, os entes federados assegurarão: I - organização e funcionamento de turmas formadas por alunos de diferentes idades e graus de conhecimento de uma mesma etapa de ensino, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental; II - oferta de educação básica, sobretudo no ensino médio e nas etapas dos anos finais do ensino fundamental, e de educação superior, de acordo com os princípios da metodologia da pedagogia da alternância; e III - organização do calendário escolar de acordo com as fases do ciclo produtivo e as condições climáticas de cada região (BRASIL, 2010).

A SEMED/Manaus criou em 2015 o seu Comitê Municipal de Educação do Campo, realizou os pré – fóruns e o fórum municipal resultando na criação de um Grupo de Trabalho e Educação do Campo na Divisão de Ensino Fundamental no período de 2016 e 2017, resultando na elaboração das Diretrizes Pedagógicas da Educação do Campo na rede pública municipal de ensino, assim como, produziram materiais para o acompanhamento do trabalho do professor da escola do campo, como o Diário de Classe Multisseriado e Planejamento Interdisciplinar. (GOMES, 2022, pg. 34). Ajustou o calendário escolar diferenciando entre o urbano e o ribeirinho, de acordo com a realidade amazônica do ciclo dos rios Negro e Solimões, nessa dialética com as comunidades ribeirinhas de Manaus.

Segundo Oliveira (2013, pg.74), a Enchente: fase mais duradoura, compreende os meses entre dezembro e abril; a Cheia: fase de duração curta, entre maio e junho; a Vazante: fase intermediária de duração, entre julho e setembro; e a Seca: fase curta, entre outubro e novembro.

[...] as peculiaridades climáticas do Amazonas fizeram reconhecer a necessidade de ajustes no calendário para melhor conduzir a educação escolarizada dos ribeirinhos. A realidade mostra escolas situadas em áreas de várzeas e de terra firme. Nos ciclos das águas, no período da vazante, alguns rios, lagos e igarapés são de difícil navegação, comprometendo a acessibilidade à escola e fazendo aumentar a distância e o tempo. No período de enchente, se a escola for situada em área de várzea e sua

estrutura não for elevada, sua estrutura vai ficando progressivamente submersa, até que não se consiga mais ministrar aula. Por outro lado, na subida das águas, o rio ganha melhor navegabilidade: a água avança sobre terras e deixa-as submersas, permitindo atalhos, o que diminui as distâncias e o tempo de chegada à escola. Na expressão local, o rio no Amazonas, na subida das águas, torna-se “mar de água doce”. (MATOS e ROCHA FERREIRA, 2019, p. 376-377, apud OLIVEIRA, 2013, pg. 74)

No entanto, observa-se que ainda não se alcançou um currículo que aborde em si as especificidades da educação ribeirinha amazônica. A SEMED preconiza uma diretriz geral, a partir da qual as escolas rurais devem adequar sua realidade. SANTA BRIGIDA & RAMOS (2020, pg. 205) justificam que:

[...] as disciplinas escolares, na práxis pedagógica, quando agregam as práticas socioculturais locais, fortalecem a identidade amazônica e revelam a pluralidade da cultura brasileira, juntamente às manifestações da cultura do cotidiano dos ribeirinhos. Dessa forma, numa reflexão acerca de cultura, observa-se que o povo ribeirinho possui suas peculiaridades, singularidades e características próprias, que devem ser evidenciadas no cotidiano escolar.

A Educação Física é o componente curricular que “[...] tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história.” (Brasil, 2018, pg.2013). De acordo com a BNCC, nesse entendimento, “o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo”.

No contexto ribeirinho amazônico, discorre-se que o movimento humano como cultura corporal se apresenta na caça, na pesca, no plantio, nas brincadeiras populares, no nadar dos rios entre outras atividades diárias. A Educação Física sistematiza esses elementos dentro dos conteúdos que envolvem a cultura corporal (jogos, lutas, danças, esportes, ginástica, mímicas, dentre outros) e o conhecimento das relações e expressões dos ribeirinhos é essencial para o melhor desenvolvimento da intervenção pedagógica nas aulas de educação física (TAFFAREL, 2005, apud SANTA BRIGIDA, 2021, pg. 47).

A Educação Física Escolar na escola ribeirinha necessita em suas práticas considerar as formas culturais. As características de sua localidade, principalmente considerando o grupo alvo que está alcançando, a realidade das escolas, os materiais pedagógicos existentes, os espaços ofertados para as práticas e assim, considerar um objetivo de aula atrelando os conteúdos ao meio cultural existente. (DAOLIO, 2014, apud SANTA BRIGIDA, 2021, pg. 48-49)

A narrativa de DAOLIO assume um caráter indagador quando observamos a afirmativa de MOTA NETO e OLIVEIRA (2004, apud SANTOS et al., 2021, pg. 66) acerca das escolas ribeirinhas costumam apresentar condições físicas e pedagógicas precárias que são percebidas no acesso e a continuidade dos estudos, a distância e o deslocamento até as escolas, a estrutura do local, falta de professores e transferência, assim como falta de autonomia dos educandos, causada pela baixa autoestima ou o distanciamento entre escola e a realidade. Corroborar para essa reflexão a fala de BRANCO e LUCAS (2021) quando discorrem sobre a Educação Física Escolar na Educação do Campo:

“[...]suas atividades são realizadas em espaços não adequados, onde muitas vezes são desvalorizadas por pessoas que não entendem como se desenvolve a disciplina e sua devida importância para o processo de ensino-aprendizagem do homem do campo. A educação física trabalha valorizando o respeito, apreciando o multiculturalismo de diversas linguagens, costumes, tradições e populações existente em nossa sociedade” (BRANCO e LUCAS, 2021, pg. 8).

Através de Abreu, Oliveira e Silva (2013, pg. 14) e Brigida & Ramos (2020, pg. 205) Compreende-se que a escola está inserida em um cenário repleto de elementos naturais, rico de saberes, costumes e hábitos particulares da região: conhecimentos legítimos que devem ser agregados à práxis educativa e permitem ao alunado se reconhecer como agente transformador a partir sua originalidade. Esse conhecimento idiossincrático pode então constar no planejamento das aulas e, não obstante, nos direcionamentos de um currículo excepcionalmente autêntico, alcançando assim a visibilidade que lhe compete e um referencial que discute a realidade local.

5. METODOLOGIA PROPOSTA

A presente pesquisa trata-se de um estudo descritivo, do tipo qualitativo, sendo um estudo de caso que foi realizado no município de Manaus na escola da comunidade Ebenézer, Tarumãzinho, zona ribeirinha - Rio Negro, no estado do Amazonas, região norte, Brasil. O estudo qualitativo parte da premissa da compreensão da lógica interna de grupos, seus valores culturais, temas específicos e entendimento das relações entre as pessoas (MINAYO, 2012). As pesquisas descritivas são habitualmente realizadas por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações de cunho educacional. (GIL, 2000, p. 42).

5.1 Local de realização da pesquisa

O lócus da pesquisa de campo está situado na zona rural ribeirinha de Manaus / Amazonas, na Comunidade Ebenézer, localizada às margens do rio Negro, Tarumãzinho. Pertencendo a Secretaria Municipal de Educação/SEMED, gerida diretamente pela Divisão Distrital Zonal Rural. A escola teve autorização para funcionar pelo Decreto de nº 0069. Foi fundada em 1991, três anos após a fundação da Comunidade pelo primeiro morador e fundador Francisco Gama da Encarnação, em 1988. Quando resolveu por necessidade e melhoria de vida desbravar tal região. Na época, existia apenas mata fechada. E com o passar dos tempos as famílias foram crescendo e a comunidade foi se estruturando e se organizando legalmente.

5.2 Participantes da Pesquisa

A participante foi selecionada intencionalmente para responder os objetivos da pesquisa. Sendo a Professora de Educação Física da escola selecionada a principal participante.

Após conversa com a chefia da DDZ Rural - SEMED, foi obtida permissão para que eu escolhesse o local de pesquisa, dentre as escolas ribeirinhas. Motivada pela busca de uma escola do Rio Negro onde ocorre expressivamente a seca e cheia do rio, por uma escola sem quadra e com professor(a) de Educação Física, entrei em contato com o gestor da escola, mediante contato telefônico, o qual me consentiu anuência para a realização da pesquisa na escola e a coleta junto a professora de Educação Física.

5.3 Procedimentos e instrumentos para coleta de dados

Para a coleta de dados da pesquisa foi utilizada a técnica da entrevista individual, com aplicação de um instrumento do tipo formulário, semiestruturado com perguntas abertas e fechadas. Sendo um formulário aplicado a Professora de Educação Física e composto por três partes: 1. Dados pessoais e Formação; 2. Caracterização das series atendidas; 3. Planejamento, organização e aplicação do currículo.

Optou-se por utilizar um instrumento de entrevista elaborado a partir do levantamento bibliográfico, delineado especificamente para este estudo. Segundo Minayo (2012), as entrevistas podem ser consideradas uma técnica privilegiada de comunicação verbal e de coleta de informações. A entrevista semiestruturada consiste na combinação de perguntas em que o entrevistado tem a possibilidade de falar sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

Para registro das entrevistas foi utilizado um gravador modelo ICD – BX140 – SONY de cor prata.

5.4 Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e protocolada sob o CAAE nº 63593422.0.0000.5020, para a preservação dos aspectos éticos e legais da pesquisa com seres humanos, foram sendo seguidas as disposições da Resolução 466/12. O(a) participante receber um pseudônimo como forma de preservar sua identidade em sigilo, bem como foram informados que sua participação é voluntária, sem nenhuma despesa, tão pouco remuneração e serão listados no resultado e no material descritivo do estudo. De forma a preservar a identidade dos participantes da pesquisa, os nomes dos mesmos foram substituídos por nomes fictícios.

6. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Os critérios de inclusão para a entrevista ao Professor de Educação Física:

- Estar atuando há pelo menos 1 ano na escola;
- Ter trabalhado mediante início da enchente e vazante dos rios na mesma escola.

7. CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Os critérios de exclusão para a entrevista ao Professor de Educação Física:

- Não ter formação em Licenciatura em Educação Física;
- Estar de licença ou afastamento por qualquer motivo durante a coleta da pesquisa.

8. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados qualitativos foi realizada por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que prevê três fases fundamentais: 1) Pré-análise – que consiste em: leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação das hipóteses e objetivos, elaboração de indicadores e preparação do material; 2) Exploração do Material (Codificação) – que consiste em unidade de registro e unidade de contexto e 3) Tratamento dos Resultados (Categorização) – levantamento das categorias de análise a partir das unidades de registro.

Assim, a utilização da análise de conteúdo permite a descoberta do que está escondido nos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado, naquilo que se observa, no implícito. (MINAYO, DESLANDES E GOMES, 2002, pg. 74).

9. RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesse capítulo, são apresentadas as duas categorias temáticas que emergiram após a análise de dados. Tais categorias acompanham o percurso que se relaciona desde a escolha do título e que responderam aos objetivos da pesquisa, apresentando assim considerações e dados importantes a serem discutidos.

Na primeira categoria denominada “Com o movimento das águas: a Educação Física na escola ribeirinha Ebenézer” serão apresentados e descritos sobre a formação; atuação; caracterização das turmas atendidas pela professora que atua na escola Ebenézer e se como e/ou ocorrem os processos de inclusão de alunos com deficiência.

Na segunda categoria, denominada “Com o movimento das águas: na enchente e vazante integrando o currículo, as práticas socioculturais ribeirinhas nas aulas de Educação Física”, serão apresentadas a estrutura escolar; planejamento, organização e aplicação do currículo de Educação Física bem como os espaços e recursos utilizados e como os saberes das comunidades ribeirinhas – práticas socioculturais - surgem com os conteúdos.

9.1 COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS: A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA RIBEIRINHA EBENÉZER



Figura 1 - Frente da comunidade Ebenézer – acervo pessoal, 2022.

A Educação do Campo como categoria de análise das práticas pedagógicas, engloba situações políticas e sociais também dos trabalhadores do campo. Nessa perspectiva, os professores que realizam o ensino em áreas rurais – rodoviária ou ribeirinha – residentes ou não na região, são trabalhadores camponeses. Portanto, cabe a compreensão da realidade, numa projeção de futuro, que deve ser indicada, sobretudo, “por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas e na forma de construir políticas de educação” (CALDART, 2012, pg. 259).

É importante destacar que a mesma relevância da atuação do Movimento Sem Terra (MST) para o movimento da Educação do Campo (EC) no Brasil é dada às Instituições de Ensino Superior no Amazonas que contempla, em seus acervos, materiais que apoia o exercício intelectual sobre o movimento.

Entretanto, no contexto amazonense, a partir dos estudos de Tavares (2018), Mourão, Uchôa e Vasconcelos (2020) e Vilhena Júnior (2013) é possível notar que o desenvolvimento da EC se dá muito mais por conta das instituições do que pelo movimento social, talvez pelo fato de que o movimento que mais contribui para a EC no país, o MST, não está presente neste estado, porém, não significa que no Amazonas não existam movimentos sociais. (SILVA, pg. 20, 2021).

A escola Ebenézer tem em seu quadro de docentes uma professora de Educação Física que atende os dois turnos da unidade. Ariana Mendes é professora do ensino básico a 24 anos, formada pela Universidade Federal do Amazonas - polo que existiu em Manacapuru em meados 2004. Filha da terra, desenvolve à docência há pelo menos 15 anos na zona ribeirinha.

Em relação a atuação da professora, embora feita em dois turnos da Escola Ebenézer contempla, concomitantemente, outra unidade ribeirinha de ensino: a escola Canaã II.

“Apesar, de sermos uma escola dita regular, eu compartilho carga em duas escolas. O objetivo da Semed para que sejamos dito regular, cada professor em uma escola mesmo né? Mas aqui na zona ribeirinha é sempre mais complicada, devido à falta de professores e aí ficamos dividindo nosso tempo durante a semana. Hoje tá melhor, porque ficamos dois dias em cada escola. Foi uma estratégia encontrada para suprir a necessidade.”
(Prof.^a Ariana)

A falta de professores de Educação Física perante a necessidades das escolas ribeirinhas de Manaus, gerou estratégias educacionais para o suprimento da demanda educacional. O programa Itinerante foi institucionalizado com base na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, no art. 23 que discorre sobre a educação básica poder organizar-se “em

séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.” (BRASIL, 1996).

“Sim, o programa Itinerante quando ele começou nos ficávamos seis meses em cada escola, no caso sempre foi duas escolas, nós já chegamos até dividir três escola, nós já chegamos a ficar em quatro escolas por ano.”
(Prof.^a Ariana)

Em relação a caracterização do local de pesquisa, a comunidade Ebenézer, mesmo nome da escola, é relativamente pequena, tendo uma média 130 famílias, tem rede elétrica, abastecimento de água via poço, insuficiente cobertura de telefonia. Encontra-se numa das calhas do rio Negro, Tarumãzinho, a aproximadamente 30 minutos da Marina do Davi (zona portuária de Manaus). O percurso é tranquilo em dia ensolarado, onde podemos contemplar o espelho das águas negras e a floresta substancialmente verde. As comunidades se separam praticamente por braços d’água e cada comunidade possui um pequeno porto coberto (ou não), o nome da comunidade e a mensagem de “boas-vindas”. No percurso da Lancha escolar saindo da marina pelo afluente do Tarumãzinho já são apanhados os alunos de comunidades vizinhas que são matriculados no Ebenézer que aguardam no porto da sua comunidade, fardados e arrumados, com material escolar. Há também os alunos da própria comunidade que vão a pé para a escola.

Quanto as turmas atendidas pela professora Ariana, são alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. A turma de 1º ano é única, com alunos apenas dessa série, isso corrobora para o processo de letramento e início da alfabetização. Os 2º e 3º anos compõe uma única turma de caráter multisseriada, 4º e 5º anos também em uma mesma turma, bem como os alunos da Educação Infantil que formam outra turma multisseriada com 1º e 2º período. Já nos anos finais, cada serie compõe uma turma única. Todas as turmas têm em média 10 alunos.

As aulas acontecem em um campo de chão batido, quintal da escola, sem cobertura sujeita ao sol e chuva. No horário da manhã o clima é mais agradável, porém a tarde não tem sombreamento em quase toda a área. Na lateral, há algumas arvores como bananeira e coqueiros, mas há formigas e fossa séptica próxima, o que inviabiliza o uso do espaço. Em volta da escola é complicado a aplicação das aulas devido aos terrenos serem particulares e o chão irregular e o campo comunitário ser um areal descampado também.

Em relação aos conteúdos, são ministrados conforme o que preconiza o currículo municipal. Os conteúdos são separados por bimestres e são os mesmos tanto para a zona urbana quanto para a zona rural e ribeirinha. Os materiais pedagógicos são escassos então os recursos utilizados envolve a adaptação do material existente e a colaboração de comunitários para confecção.

A Carta Magna (1988), prevê no artigo 6º que “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (grifo meu) e que todos têm esses direitos.

Na perspectiva de inclusão, a escola Ebenézer não tem alunos com deficiência, com laudo. Mas contempla alunos com particularidades e que geram desconfiança sobre possíveis transtornos. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) define que considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo seja de natureza física, mental, intelectual ou sensorial e no § 1º: “A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar” e deverá considerar os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo; os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais; a limitação no desempenho de atividades e a restrição de participação.

“Hoje na escola não temos alunos com deficiência. Percebo uma aluna da educação infantil, que apresenta uma grande agitação. Não há laudo, nada comprovado. Ela não consegue ficar sossegada nem por um minuto”.
(Prof.^a Ariana)

Foi perguntado a professora, como ela lidava com esses alunos sob suspeita e se havia algum suporte como mediador. A mediação é um recurso possível, mas que depende de comprovação (laudo), processo esse que depende de uma avaliação multiprofissional e do comprometimento da família em relação a saúde e o desenvolvimento da criança. Assim, a sensibilidade e a experiência da docente se entrelaçam servindo como principal, talvez único, suporte para reformulação das práticas juntos a esses alunos.

“Muito tempo atrás, tive um aluno com deficiência física. Ele tinha extrema dificuldade para andar, ele conseguia andar só passos curtos, em seus braços muitas dificuldades, os dedos eram travados e muita dificuldade até de escrever. Ele era do Tarumã-açu, no Ebenézer não tive. Mas ele nunca foi menosprezado pelos próprios alunos, pelos colegas, muito pelo contrário, eles eram os que mais incentivavam.

*As avaliações com ele eram diferenciadas, devido a limitação dele de andar, de correr né, movimentar os braços.”
(Prof.^a Ariana)*

O trabalho sistemático não é realizado de forma individual, o processo educacional se dá pelo ensino-aprendizagem, no qual o professor não somente ensina como aprende com os alunos. Considerando que os valores humanos são próprios da cultura de cada povo e refletem nas relações suas sensibilidades e/ou rudezas, é possível conceber e observar o comportamento da maioria dos alunos em relação aos colegas com possível deficiência ou com deficiência diagnosticada, de modo que eles colaboram para sucesso da humanização das relações sociais presente na escola Ebenézer. Ao longo da entrevista a professora comenta sobre uma das alunas do 8º ano da escola, que tem os lábios leporinos e menciona que nunca presenciou exclusão dos alunos em relação à colega.

*“E o bom da área ribeirinha, eu como professora nesse tempo todo trabalhando, eu nunca vi as crianças fazerem bullying com as pessoas com deficiência.”.
(Prof.^a Ariana)*

9.2. COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS: NA ENCHENTE E VAZANTE INTEGRANDO O CURRÍCULO, AS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS RIBEIRINHAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Figura 2 - Aula de Badminton – acervo pessoal, 2022.

O acesso às escolas da região do Tarumãzinho ocorre exclusivamente por meio fluvial. As lanchas escolares exclusivas de cada unidade fazem o trajeto a partir da Marina do Davi (zona portuária de Manaus), com saída às 6h30min, impreterivelmente. As escolas mais

próximas, como o Ebenézer, realizam o retorno dos professores diariamente. Nas escolas mais longínquas, geralmente, não é possível essa ida e vinda diária. Ao chegar no afluyente, a lancha passa recolhendo os alunos para início da aula às 7h. O início da aula no turno da tarde ocorre mais cedo e termina cedo para que o retorno à marina ocorra com mais segurança, mas sem prejuízos a carga horária.

Um fator que implica no transporte escolar é o combustível da lancha (diesel) que é subsidiado pela Secretaria Municipal de Educação, através de cota calculada em cima da média de viagens realizadas, o que exige uma organização escolar de transporte que não ultrapasse o quantitativo disponibilizado.

Em relação ao planejamento das aulas, conforme respostas da Prof.^a Ariana, ocorre periodicamente, semanal através do HTP – Hora de Trabalho Pedagógico e também mensal e anual. O ato de planejar nas escolas municipais ribeirinhas e rodoviárias conta com o assessoramento pedagógico da Divisão Distrital da Zona Rural que preconiza o cumprimento do currículo municipal, a seleção dos conteúdos, planos de ação bem como visa colaborar para estratégias educacionais frente a desafios e, também, o assessoramento de caráter de gestão da GIDE – Gestão Integrada Da Escola – (Instituto Áquila) (PEREIRA & OLIVEIRA, 2021).

Em relação ao tempo, o calendário escolar da zona ribeirinha – no trecho do Rio Negro é diferenciado, contempla na sua formulação as adaptações do período letivo frente as fases de seca e cheia do rio, tendo início e término diferenciados, sábados letivos a fim de alcançar as 200 horas exigidos pela legislação. A seca, período em que as águas do rio descem de nível, aumenta o percurso até as escolas, pois o acesso fluvial fica comprometido e o rio vira uma imensa estrada de praia, inviabilizando a logística dos alunos, professores e funcionários. Devido a isso, o calendário letivo se encerra no mês de outubro, período que predomina a vazante e a seca do rio. O nível das águas é dividido 4 períodos: cheia, seca, enchente e vazante.

Como todas as atividades desenvolvidas pela unidade de produção camponesa da várzea – agricultura, criação e o extrativismo (vegetal ou animal) – a pesca, como atividade extrativista, também obedece aos imperativos da natureza, isto é, não pode ser desenvolvida sem levar em consideração o ciclo das águas. (WITKOSKI, 2010, p 294-5 apud OLIVEIRA, pg. 73, 2013)

Outro ponto é que a escola Ebenézer conta com uma infraestrutura precária, o prédio é de alvenaria, com uma cozinha pequena, um corredor que também funciona como refeitório,

duas salas de aula internas e duas salas de aulas improvisadas na área externa, banheiros, sala administrativa. A escola tem um aspecto limpo, organizado e acolhedor que reflete o zelo de todos que frequentam a escola, seja para trabalhar ou para estudar. Porém, muito carente da readequação dos espaços. O terreno da escola é delimitado por cercas e envolta dela chão da comunidade se apresenta irregular, em desníveis. Tem uma horta diversificada de onde são extraídos temperos para a produção da merenda escolar. A escola não tem quadra e as aulas são ministradas no quintal da escola:

“Assim, o espaço como eu te falei há uma área atrás da escola que é um descampado, um campinho de chão batido. Temos a lateral da escola e uma outra parte ao lado. Eu não sei se você observou ali fora tem umas arvores de manga. Mas é complicado trabalhar lá. Uma professora já foi expulsa de lá, porque disseram que lá não era área da escola, então eu procuro não utilizar a área que não seja da escola, no caso, o único campo que eu uso assim também que não é da escola é o campo comunitário, que você anda um pouco, chega lá no campo comunitário, mas também é totalmente descampado”.
Prof.^a Ariana.

O sinal de telefonia ausente e a internet quase inexistente comprometem a realização dos planejamentos na escola, em relação a construção de ideias para planos de aula e por vezes o planejamento é realizado na zona urbana da cidade, na casa dos próprios professores, através de videoconferências, visto que boa parte dos materiais de orientações são disponibilizados online, bem como é inviável a incorporação de metodologias nas aulas que dependam de dispositivos eletrônicos que os alunos não possuem. Outro estudo observa que muitas soluções encontradas pelas políticas públicas “visam de forma genérica, o acesso on-line ou a transmissão pela televisão de videoaulas. Todavia, no contexto ribeirinho amazônico, evidenciamos que muitos alunos não têm esses tipos de acesso por fatores externos à estrutura pedagógica oferecida aos alunos”, corrobora Santos et al. (2021, pg. 66).

Esse cenário dificulta o aproveitamento das aulas, visto que muitos conteúdos ao serem adaptados perdem a qualidade de ensino e de aprendizagem, devido à ausência de piso adequado, a falta de sombra, falta de espaço necessário e a preocupação em não atrapalhar os demais processos de ensino-aprendizagem que acontecem ao redor. Uma das salas de aula improvisadas se situa no fundo do terreno, trata-se de uma cobertura de telhas, chão de cimento, delimitado nas laterais apenas por cercas de madeiras:

“Você viu que não tem estrutura nenhuma, não tem parede, só tem a cobertura e a base mesmo para dizer que é uma sala de aula. Se eu iniciar minha aula ali perto, as crianças que estão em aula com o outro professor perdem a atenção. Se eu fizer minha aula ali eu tiro a concentração dos meninos que estão estudando naquela área, no caso ali é 6º ao 9º ano né, então eu procuro não ficar com meus alunos

muito próximo da sala, que é para não atrapalhar também a sala [aula] do professor, entendeu? Então essas são as dificuldades que a gente encontra e tenta não atrapalhar o outro colega”.
Prof.^a Ariana.

A professora mencionou que no turno da tarde, tenta fugir do calor e as vezes busca sombra junto com os alunos embaixo da mangueira da escola. No entanto a árvore fica ao lado da sala improvisada mencionada anteriormente, como se fossem um único espaço e que isso a presença de outra turma retirava o foco dos alunos da outra turma. Essa sala de aula atípica, com um quadro branco ao fundo, delimitada por ripas de madeira foi chamada de “curral” pela promotoria do Ministério Público do Amazonas em visita do órgão à escola.

Diante disto, faz imprescindível a formação do professor que permita discutir a realidade e desenvolver estratégias frente as contextos e peculiaridades existentes, assim, a formação continuada se configura como o prolongamento da formação inicial “visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático, é condição para a aprendizagem permanente e o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional de professores” (LIBÂNEO, 2015 apud SOUZA, 2021, pg. 83).

“O que é possível adaptar, vamos adaptando, agora eu vou te dizer, por exemplo, o Badminton eu não tenho uma área adequada para praticar o Badminton, o que é que eu faço: eu pego duas garrafas dessas de detergente grande, encho de areia, eu comprei o material recebi de um outro professor, o restante é tudo comprado, eu comprei e adapto para montar o Badminton para eles, porque senão a gente não tem a prática do currículo, entendeu?”
Prof.^a Ariana.

Esta fala denota a adversidade na aplicação das aulas de Educação Física (presentes não somente na zona ribeirinha, mas também na zona urbana) em relação a falta de materiais disponíveis para o cumprimento dos conteúdos do currículo. Na oportunidade, ela relatou exemplo de materiais construídos: os pesos do atletismo - confeccionados com o fundo de garrafa pet, areia dentro e envolvidos com fita rígida, aproximando-se do peso e aderência do implemento oficial; os dardos feitos de paus extraídos da mata; as bases para a rede de badminton; a adaptação do martelo do atletismo feito com o peso já construído, envolto com saco de rafia amarrado para manipulação.

“Esses meninos ... nenhum... Aqui às vezes a gente pega e empresta tênis, eu empresto meus tênis para eles participarem das Municipiadas porque uns tem outros não tem, né? Então são coisas que vem dentro do currículo que a gente tem

que se virar nos 30 para conseguir transmitir para eles e para que eles terem a vivência prática exigida no currículo.”
Prof.^a Ariana.

A Municípiada é um evento criado pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus que visa o desenvolvimento do desporto escolar promovendo a socialização dos alunos e o aprimoramento de suas habilidades motoras, consideradas fundamentais para a aquisição de conhecimentos e favorecimento das relações socioafetivas. Está inclusa no calendário anual da SEMED e serve como estratégia de inclusão social e descoberta de talentos esportivos para o município e estado. E ainda é uma culminância e confraternização esportiva que fortalece a política de valorização das crianças, adolescentes e jovens das escolas do Município (MANAUS, 2019).

Diante dessa oportunidade de participação dos alunos da zona ribeirinha nos jogos da cidade, o entusiasmo se fez presente nos alunos e professores no vislumbre de mostrar que os alunos ribeirinhos possuem as habilidades necessárias para participar, desenvolvidas ao longo do ensino, nas aulas de Educação Física escolar. Que são capazes de competir e ganhar. E que muitas vezes, os conhecimentos pertencentes a eles em relação a floresta e águas podem ser o diferencial para a conquista do pódio.

“Sim, vou te dar o exemplo do Parkur, que você trabalha o seu corpo, subindo e descendo e tal. Isso aí eles já têm natural aqui, é natural deles, mesmo sem saber que eles estão praticando Parkur. Há quanto tempo os alunos já praticavam? Você sobe numa árvore e você pula, você sobe numa árvore ali na beira do rio e se joga n'água. Eles estão praticando a muito tempo, é um conhecimento deles, só mudou o nome científico que eles colocaram lá para determinar o esporte em si, mas eles já têm esse conhecimento.”
Prof.^a Ariana.

Diante da indagação sobre quais conhecimentos específicos da comunidade Ribeirinha que vêm para aula, a professora revelou que a comunidade - pais de alunos e amigos da escola - é parceira desse processo de ensino-aprendizagem na escola Ebenézer, compartilhando os conhecimentos próprios, inclusive conhecimentos indígenas, construídos ao longo do tempo como o reconhecimento da mata local, a extração de paus para construção de implementos esportivos e educativos. No contexto ribeirinho, a maioria dos alunos sabem nadar, pescar, conduzir pequenas rabetas. A professora comentou que já deu aulas de natação na margem do rio, com auxílio da lancha escolar.

“Eu procuro adaptar a várias coisas principalmente para educação infantil do 1º ano, eu faço peteca de areia, eu já pedi para um indígena confeccionar arco e flecha, para que tivéssemos aulas de arco e flecha, por exemplo. Atletismo, por exemplo, o dardo eu pedi para um indígena confeccionar um dardo para mim. Temos materiais confeccionado através de comunitários pais de alunos, alunos mesmo, temos alunos indígenas, não sei informar qual a etnia, mas os conhecimentos deles nos ajudam dessa forma.”
Prof.^a Ariana.

A adaptação do currículo municipal para a prática considerando os saberes socioculturais locais é compreendida, nesta pesquisa, através da participação dos comunitários, a participação dos próprios alunos que desde muito pequenos já refletem em seu *modus operandi* a cultura do beiradão. Somam-se também os saberes tão autênticos dos indígenas que ali vivem.

No estudo de Porto & Lucas (2021, pg. 12) que realizou a aplicação de circuito nas aulas de Educação Física, visando observar o desenvolver, nos alunos, das capacidades físicas básicas e habilidades necessárias às atividades do campo e concluiu que uma alternativa para as práticas dos esportes, é adaptação e cita o handebol adaptado, como prática executável em espaços considerados não-formais de ensino.

“Sobre o basquete, precisamos da cesta e como adaptação eu peço que os alunos entrem numa mata, tirar umas varas e assim construir uma cesta, tablete, criar uma área. Como não tem isso, a gente adapta desse jeito, a gente pede ajuda dos alunos, pede ajuda dos pais e a partir do momento que eles nos ajudam nesse ponto a gente tenta fazer o trabalho da melhor forma possível. Zona Ribeirinha é adaptação sempre, sempre.”
Prof.^a Ariana.

Outra perspectiva nos remete à reflexão acerca dos conteúdos dados com mais ou menos frequência. Os conteúdos com mais frequência são os jogos em si, o handebol, o vôlei, esportes coletivos e individuais. A escola recebeu tabuleiros de xadrez, conteúdo desenvolvido ao longo do ano e que permite a realização de torneio entre escolas do Tarumãzinho para prática e troca de estratégias entre os alunos competidores. Segundo a professora, já os conteúdos de skate, patins, bike, são esportes radicais com menos frequência devido à falta dos materiais não disponibilizados pelo órgão de ensino e o piso inadequado. Ela conta que, em 2022, conseguiu proporcionar a experiência de patins para seus alunos do Canaã II, em virtude da doação de um par de patins da professora de Artes. Já as práticas corporais são desenvolvidas pela docente através dos teatros, apresentações de Boi Bumbá e demais danças, bem como em datas

comemorativas como exemplo no dia de “Quem Cuida de Mim”, com participação dos pais e/ou tutores dos alunos.

Diante de todo o exposto, nota-se a aplicação dos conteúdos rigorosamente atrelados ao currículo municipal, por vezes não abrindo espaço para valorização dos conhecimentos dos ribeirinhos não mencionados no currículo e que, por isso, se torna interessante novas pesquisas no Ebenézer e nas demais comunidades do Tarumãzinho, a fim de tornar a temática constante e passível de reconhecimento e desenvolvimento sustentável.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação do Campo nasce, conceitualmente, a partir do processo de formação do homem inserido no ambiente rural e, por complemento, na área ribeirinha. O sujeito ribeirinho produz cultura com características que diferem a partir de cada comunidade e que são resultantes dos processos evolutivos mediante as estratégias de adaptação no tempo e espaço. Inclusive, o termo adaptação é usado algumas vezes nas falas da professora Ariana e em contribuições de autores que compõe o referencial teórico desta pesquisa.

Considerando o objetivo de descrever as adaptações do currículo da Educação Física Escolar, mediante a realidade ribeirinha compreendida através das falas da professora de Educação Física, reafirmou-se a necessidade de constante discussão sobre a Educação dos Ribeirinhos em respeito à diversidade dos povos e em relação ao cumprimento dos direitos sociais de todos. Nesse sentido, faz-se indispensável o respeito às peculiaridades da zona rural de Manaus, que sejam reconhecidas em diretrizes que contemplem, autenticamente, as especificidades das comunidades escolares ribeirinhas, considerando o seu espaço geográfico, as formas de acesso até a comunidade escolar, o tipo de piso, o acesso a rede de internet, a vegetação da região e a fauna local, os costumes e locais, valores morais etc., de modo a enaltecer e preservar os elementos naturais e socioculturais da região. Bem como a inclusão das práticas socioculturais locais nos planejamentos da escola, como conteúdo legítimo.

Nos processos de inclusão de alunos, embora a escola não tenha, atualmente e comprovadamente, alunos com deficiência e com transtornos globais de aprendizagem, observou-se uma relação receptiva por parte da comunidade escolar ribeirinha a alunos com os alunos sob suspeita. Pertinentemente, sente-se uma adversidade para o processo diagnóstico desses alunos e essa comprovação é requisito principal para intervenções por parte da Secretaria de Educação e de órgãos públicos sociais, como a designação de mediadores, acompanhamento

médico e psicológico e que cujas ausências podem dificultar ou limitar o desenvolvimento pleno do educando.

Em relação a comportamento do rio e sua relação com Educação Ribeirinha, sem análise e observação da situação, acredita-se que a época de cheia do rio Negro é o período que mais prejudica o cumprimento das atividades letivas. No entanto, é a seca que mais interfere na programação anual de aulas, devido as longas distancias que se formam sem o acesso das lanchas, devido aos baixos níveis de água e o desaparecimento dos afluentes. que comprometem a logística escolar.

E por fim, vale ressaltar a relevância das Instituições de Ensino Superior que fomentam a pesquisa e o desenvolvimento da Educação do Campo no Amazonas, nas suas mais variadas dimensões e que através disso contribui e muito para elevação da temática e que influenciam o processo educativo, em políticas públicas, em esferas municipal e estadual, que atuam para buscas de melhorias.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

BEZERRA, D. M. A práxis pedagógica na formação de professores reflexivos no Pibid/pedagogia da Urca. **Anais VI JOIN / Brasil – Portugal**, Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57395>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

BRANCO, P. C. C.; LUCAS, A. M. A Educação Física e as práticas pedagógicas na Educação do Campo. **Amazon Live Journal**, Recife, v. 3, n. 3, p. 1-13, ago. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> . Acesso em: 19 set. 2022.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002. Dispõe sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 jul. 2022.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 04 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file> Acesso em: 12 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

CABO VERDE, E. J. S. R. **Atitudes de professores de Educação Física em relação à inclusão de alunos com deficiência**. 2019. 73 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREITAS, M. C. S. **Os amazônidas contam a sua história: territórios, povos, populações**. In SCHERER, E.; OLIVEIRA, J. A. de (Orgs.). *Amazônia: territórios, povos tradicionais e ambiente*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. 270 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, A. M. C. / **Educação do campo e os saberes da Geografia: paisagem e território**. 2022. 111 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

GUIMARÃES, G. C. F. **Programa Luz Para Todos & modo de vida ribeirinho na Amazônia**. 2021. 153 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

MANACORDA, M. A. **História da educação da antiguidade aos nossos dias**. Tradução: Gaetano Lo Monaco. 12. ed. São Paulo: Cortez. 2006. 305 p.

MANAUS. Orientação Pedagógica para Educação Itinerante nos anos finais do ensino fundamental para as Escolas do Campo. **Secretaria Municipal de Educação**. Manaus, AM: SEMED, 2013. Disponível em: <https://Semed.manaus.am.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/Documento-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-Itinerante.pdf> acesso em: 11 jul. 2022.

MANAUS. Currículo Escolar Municipal. **Secretaria Municipal de Educação**. Manaus, AM: SEMED, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1kTJ0oMA6cQk83E_YAVfLzgrdr5m0WYbv/view. acesso em: 01 jun. 2022.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. Ed. Petrópolis: Vozes; 2002.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 32. Ed. Petrópolis: Vozes; 2012.

MOURÃO, A. R. B.; UCHÔA, I. C.; VANCONCELOS, L. M. EDUCAÇÃO DO CAMPO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELAÇÕES DE TRABALHO EM COMUNIDADES AMAZÔNICAS. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 436-450, abr./jun. 2020.

MAURÍCIO, L. V. Políticas públicas, tempo, escola. In: COELHO, L. M. C. C. (org.). **Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo**. Petrópolis: DP&A; Faperj, 2009. p. 53-68.

OLIVEIRA, E. D. **Um rio de oportunidades? Pesca e pescadores no médio Rio Negro**. 2013. 183 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

PEREIRA, W. D. S. C. **Educação ambiental nas escolas do campo no município de Manaus na Amazônia**. disponível em: https://www.academia.edu/36720702/EDUCA%C3%87%C3%83O_AMBIENTAL_NAS_ESCOLAS_DO_CAMPO_NO_MUNICIPIO_DE_MANAUS_NA_AMAZ%C3%94NIA>. Acesso em: 18 set. 2022.

PEREIRA, L. L.; OLIVEIRA, S. S. B. A pseudoqualidade da gestão integrada da escola (Gide) na Semed/Manaus. **Revista Amazônida**. Manaus: AM, v. 6, n 1. p.01 – 14. 2021. Disponível em < <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/10668>>. Acesso em: 19 set. 2022.

RANGEL, M.; CARMO, R. B. do. Da educação rural à educação do campo: revisão crítica. **Revista da FAEEBA, – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 20, n. 36, p. 205-214, jul./dez. 2011. Disponível em:

<https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=X04k6_EAAAAJ&cstart=20&pagesize=80&citation_for_view=X04k6_EAAAAJ:3fE2CSJrl8C>. Acesso em: 18 set. 2022.

RIBEIRO, M. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 027-045, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KMVyDjXDzMxS4FmpdR7tS6M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jun. 2022.

SANTA BRIGIDA, A. L. B. **Entre os banzeiros do Rio Negro: os saberes socioculturais no contexto da Educação Física escolar ribeirinha**. 2021. 115 p. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

SANTA BRIGIDA, A. L. B.; RAMOS, E. M. BANZEIROS DO RIO NEGRO E A ESCOLA RIBEIRINHA: as aulas de educação física no contexto da hinterlândia amazônica. **Revista Teias**. [S.l.], v. 21, n. 61, p. 201-217, maio 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/49645>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SANTOS, L. B. *et al.* A realidade da educação ribeirinha no contexto da covid 19: saberes pedagógicos para a ação docente. **Revista Prâxis**, Novo Hamburgo, a. 18, n. 3, p. 56-76 set./dez. 2021.

SILVA, C. F.; RIBEIRO, J. B., OLIVEIRA, M., & BORGES, H. S. Dimensões da Educação do Campo no Amazonas: pistas a partir da literatura especializada. **Revista Brasileira de Educação do Campo**. Tocantinópolis, v. 6, p. 19, dez. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/12403/19544>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SOUZA, E. S. **As políticas públicas de formação continuada de professores/as das escolas do campo: estudo na comunidade do Tracajá numa escola municipal de Parintins-AM**. 2021. 223 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8863/9/Disserta%C3%A7%C3%A3o_EricaSouza_PPGE.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

VIEIRA, S. L. Política(s) e gestão da educação básica: revisitando conceitos simples. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. [S.I.] v. 23, n. 1, p. 53-69, jan-abr. 2007.

____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência) / Câmara dos Deputados. – Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015a.

____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional / Casa Civil. – Brasília: MEC: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9432.htm. Acesso em: 19 set. 2022.

12. APÊNDICE A

FORMULÁRIO DE APLICAÇÃO AO (A) PROFESSOR (A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Projeto De Pesquisa: (TÍTULO)

Entrevistador (a):

Data da Entrevista:

DADOS PESSOAIS

1. Nome (não será divulgado): _____

2. Sexo:

Masculino ☐ Feminino ☐ Outros ☐

3. Data de nascimento: / /

4. Etnia:

Indígena ☐ Não Indígena ☐

5. Município e estado onde nasceu:

FORMAÇÃO

6. Instituição de ensino: _____ Tipo de Ensino: Ead ☐ Presencial ☐

7. Ano de conclusão: _____

8. Instituição: Pública ☐ Privada: ☐

Cidade: _____ Estado: _____

9. Pós-Graduação

☐ Sim ☐ Não

Se “SIM”:

☐ Especialização / Qual área? _____

☐ Mestrado / Qual área? _____

☐ Doutorado / Qual área? _____

10. Tempo de atuação na área educacional: _____

11. Tipo de vínculo empregatício: _____

12. Como é o tipo de acesso / deslocamento para chegar à escola: _____

2. CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS ATENDIDAS

1. Qual a quantidade de turmas atendidas?
2. Quais as séries atendidas?
3. Quantos alunos em média há em cada turma?
4. Qual a característica das turmas atendidas, há turmas multisseriadas?
5. Nas turmas atendidas há alunos (as) com deficiência? Se sim, sabe dizer quais e se há laudo para comprovar o diagnóstico?
6. Há alguma informação repassada pela gestão ao senhor (a) sobre aluno (a) com deficiência? Se sim, que informações são estas? Essas informações lhe ajudam no processo de inclusão desses alunos (as) nas aulas de Educação Física?
7. Há professor auxiliar e/ou mediador nas turmas com alunos (as) com deficiência?
8. De que forma os alunos acessam a escola (meio de transporte)?

3. PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E APLICAÇÃO DO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1. A secretaria de Educação tem um currículo para educação física?
2. Ele engloba a área rural ribeirinha?
3. Como é realizado o planejamento curricular?
4. Como é realizado o planejamento de suas aulas? Diário, semanal, mensal, semestral ou anual?
5. Como é feita a seleção dos conteúdos que fazem parte do currículo da escola?
6. Quais estruturas para prática das aulas de educação física existem na escola?
7. O Senhor (a) utiliza os espaços naturais próximos a escola para realização das aulas de educação física? Se sim, quais são e como ocorre a adaptação ao uso desses espaços em relação ao conteúdo e ao movimento de subida e descida das águas do rio?
8. Quais recursos pedagógicos estão disponíveis na escola para as aulas de educação física? Você utiliza recursos naturais nas aulas?
9. Quais os conteúdos da cultura corporal você utiliza em suas aulas?
10. Quais os conteúdos com mais frequência ?
11. Quais os conteúdos com menos frequências?
12. Você utiliza as práticas socioculturais locais em suas aulas?

13. Como você inclui os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física diante da realidade ribeirinha?
14. Quais suas dificuldades no processo de ensino aprendizagem da disciplina educação física no ambiente rural?
15. Os conhecimentos e os saberes da cultura dos ribeirinhos estão presentes no currículo da escola?

13. APENDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PROFESSOR (A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Documento em duas vias, sendo uma via do participante da pesquisa.

TÍTULO DO PROJETO: “COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS: PRAXIS PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA RIBEIRINHA NO AMAZONAS”.

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de um estudo intitulado “**COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS: PRAXIS PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA RIBEIRINHA NO AMAZONAS**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Samara da Silva Feitosa (Professora), endereço Institucional: Av. Gal. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6.200, Setor Sul, Coroado I, Telefone Fixo: (92) 3305-1181 ramal 4091, Telefone Celular: (92) 98409-9823; E-mail: familiatuca@hotmail.com e a acadêmica Diana Baima Lopes, endereço Institucional: Av. Gal. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6.200, Setor Sul, Coroado I, Telefone Fixo: (92) 3305-1181 ramal 4091, Telefone Celular: (92) 9324-7901.

Este estudo tem como objetivo geral descrever as adaptações do currículo da Educação Física escolar mediante a realidade ribeirinha durante a enchente e vazante dos rios. Os objetivos específicos consistem em: Compreender como o professor de Educação Física atua nas escolas ribeirinhas; Relatar como as práticas socioculturais das comunidades tradicionais ribeirinhas são integradas aos conteúdos programáticos do componente curricular educação física; Descrever os espaços e recursos utilizados para as aulas de Educação Física na Enchente e Vazante; Relatar o quantitativo de alunos (as) com deficiência e Descrever como ocorre a adaptação de alunos com deficiência mediante os cenários amazônicos. Após aceitar participar voluntariamente do estudo você assinará a este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e lhe será fornecida uma via. Caso você contemplar os critérios de inclusão para participar como profissional de Educação Física que são: Estar atuando há pelo menos 1 ano na escola e Ter trabalhado mediante início da enchente e vazante dos rios na mesma escola, daremos início à entrevista.

O senhor (a) será esclarecido (a) sobre os objetivos e a importância da pesquisa. Será explicado sobre o formulário, como realizaremos a entrevista, quem serão as pessoas envolvidas no estudo e como estaremos informando os resultados desta pesquisa. Caso o senhor (a) aceite participar, iremos prosseguir com a entrevista propriamente dita.

1º Momento: O senhor (a) será esclarecido (a) sobre os objetivos e a importância da pesquisa. Será explicado sobre o formulário, como realizaremos a entrevista, quem serão as pessoas envolvidas no estudo e como estaremos informando os resultados desta pesquisa. Caso o senhor (a) aceite participar, iremos prosseguir com a entrevista propriamente dita.

2º Momento: Será aplicado uma entrevista com um instrumento do tipo formulário, composto por questões abertas e fechadas, dividido em três etapas: 1. Dados pessoais e Formação; 2. Caracterização das series atendidas e 3. Planejamento, organização e aplicação do currículo.

Sua participação é voluntária e será coletada a informação por meio de entrevista individual com você e observações e anotações minhas, sobre sua experiência com o assunto, realizada no ambiente em que você atua, no melhor horário e condições necessárias para seu conforto, segurança conforme sua disponibilidade. Sabendo que toda pesquisa envolve riscos, fica esclarecido aqui que os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são considerados do tipo psicoemocional, por ser aplicado apenas um formulário, conquanto as perguntas foram previamente elaboradas para não causar desconforto, constrangimento, danos psíquicos ou psicológicos, morais, intelectuais, sociais, culturais ou espirituais; caso aja qualquer abalo emocional, você será conduzido por esta pesquisadora até a unidade de saúde para avaliação médica e psicológica, diagnóstico e tratamento sem prejuízo financeiro a você. Se houver ocorrência dessa natureza com você, de imediato, poderá se retirar da pesquisa sem prejuízos ou danos para que possa receber a atenção médica devida. Todas as despesas com tratamento complementares (ex. consultas e exames clínicos), bem como, ressarcimento de eventuais prejuízos que sejam necessários em decorrência da pesquisa serão de responsabilidade da Instituição Proponente e do pesquisador responsável, sendo assegurado o direito a indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante, de acordo com a Resolução 466/2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7. As entrevistas poderão gerar cansaço e sensação de fadiga dos participantes envolvidos, no entanto, esses sintomas deverão ser amenizados, limitando o tempo de entrevista por no máximo 50min, e, caso o participante apresente qualquer sinal de cansaço a entrevista será encerrada, dando continuidade em outro horário a ser agendado.

Como benefícios o estudo listará, aos participantes da pesquisa, o resultado e material descritivo do estudo. Além de fomentar o campo de pesquisa na área da educação especificamente para o componente curricular Educação Física assim como: fomentar as considerações para a formatação de um currículo ajustado a realidade ribeirinha amazônica e

apresentar as singularidades do contexto escolar ribeirinho mediante o movimento de subida e descida das águas.

Se depois de consentir em sua participação, o (a) senhor (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) senhor (a) não terá despesas para participar desta pesquisa e nem será remunerado pela participação na mesma. Caso haja despesas decorrentes de sua participação na pesquisa ou qualquer dano durante a pesquisa, elas serão ressarcidas, assim como, caso haja qualquer dano durante a pesquisa será garantida a indenização pela Pesquisadora responsável, conforme Resoluções 466/2012 e 510/2016.

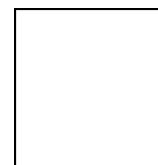
LEMBRANDO SEMPRE: O (A) senhor (a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento.

Para qualquer outra informação o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis da pesquisa pelo endereço e contatos descritos no início deste documento ou ainda com o comitê de ética em pesquisa/UFAM – Escola de Enfermagem de Manaus – rua Teresina, 495, Adrianópolis, CEP: 69057- 070 - Manaus/AM - Fone (92) 3305-1181 Ramal 2004, e-mail: cep@ufam.edu.br ou cep.ufam@gmail.com . Horário de Atendimento: Segundas e Terças, Quintas-feiras das 9 às 11:30h; 14 às 16h.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi tratou dos riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Sendo assim, eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do participante da pesquisa)



Impressão dactiloscópica

_____, ____ de _____ de _____
Declaramos que obtivemos de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste indivíduo.

Pesquisadora Responsável pelo Projeto:
Samara da Silva Feitosa

Assistente
Diana Baima Lopes

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura Assistente

Contatos para informações:

Samara da Silva Feitosa
Pesquisadora Responsável
Telefone Celular: (92)98409-9823
E-mail: familiatuca@hotmail.com

14. ANEXOS

14.1 CARTA DE ANUÊNCIA DE PESQUISADOR



CARTA ANUÊNCIA DE PESQUISADOR

Declaro para os devidos fins que estamos de acordo em participar do projeto de pesquisa intitulado "Com o movimento das águas: práticas pedagógicas da Educação Física em uma escola ribeirinha no Amazonas", sob a coordenação e responsabilidade da Professora Samara Feitosa Gomes Silva, vinculada a Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a qual terá apoio desta instituição Escola Municipal Ebenezer.

Cleyton Veras de Souza
Diretor
Mat. 118.127-08

Cleyton Veras de Souza
Diretor da Escola Municipal Ebenezer
Mat. 118.127-08

15.2 CALENDÁRIO ESCOLAR – RIO NEGRO



Prefeitura de
Manaus

CALENDÁRIO ESCOLAR 2022

ENSINO FUNDAMENTAL - RURAL - RIO NEGRO

Resolução Nº 256/CME/2021

JANEIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					01	
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

16 Dias - 64h

FEVEREIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	05
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

20 Dias - 80h

MARÇO

D	S	T	Q	Q	S	S
		01	02	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

22 Dias - 88h

ABRIL

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

21 Dias - 84h

MAIO

D	S	T	Q	Q	S	S
01	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

23 Dias - 92h

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
			01	2	03	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

22 Dias - 88h

JULHO

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	
3	4	5	6	7	8	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

22 Dias - 88h

AGOSTO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	04	05	06
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

25 Dias - 100h

SETEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	02	3	
4	05	6	07	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

19 Dias - 76h

OUTUBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	
2	3	4	05	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

10 Dias - 40h

NOVEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					</	

15.3 FOTOS



Figura 3 - Marina do Davi.



Figura 4 - Acomodação da lancha escolar

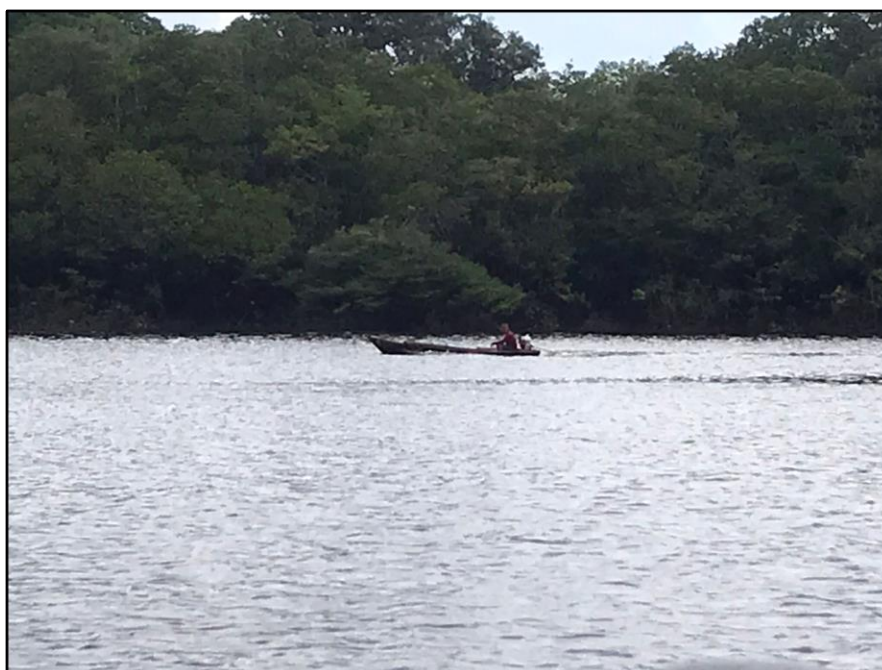


Figura 5 - Subida do Rio Negro em direção ao Tarumãzinho



Figura 6 - Porto da Comunidade Ebenézer



Figura 7 - Chegada dos professores na E. M. Ebenézer



Figura 8 - Fachada da E. M. Ebenézer



Figura 9 - Espaço de realização das aulas de Educação Física.



Figura 10 - Cozinha da escola



Figura 11 - Horta escolar



Figura 12 - Sala de aula multisseriada



Figura 13 - Sala de aula improvisada denominada de "curral" pelo MP/AM



Figura 14 - Refeitório improvisado



Figura 15 - Aula de Badminton



Figura 16 - Aula de atletismo - Lançamento de dardo



Figura 17 - Aula de arco e flecha



Figura 18 – adaptação de Implementos do atletismo - arremesso de peso



Figura 19 - Arcos e flechas feitos a partir pedaços de arvores



Figura 20 - Comunitário do Ebenézer e pai de aluno.



Figura 21 - Transporte ribeirinho no afluente do Rio Negro



Figura 22 - Chuva enquanto na espera do ACAMDAF (lancha particular).



Figura 23 - Lancha escolar